

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS**

Itanajé Ferreira dos Santos

Narrativas Pataxó da Aldeia Barra Velha

Belo Horizonte
Maio de 2016

Itanajé Ferreira dos Santos

Narrativas Pataxó da Aldeia Barra Velha

Percurso apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Línguas, Artes e Literatura pela Formação Intercultural de Educadores Indígenas FIEI/FaE/UFMG.

Orientador: Prof. Dr. Josiley Francisco de Souza

Belo Horizonte
Maio de 2016

Dedico este trabalho aos anciãos da minha aldeia Barra Velha, que contribuíram para este trabalho com suas histórias.
E aos meus pais Romildo e Ildina, meus irmãos, minha filha Niaktamany, meu esposo, meus sobrinhos e aos meus avós.
A minha família que sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida e da minha trajetória dentro e fora da minha aldeia. E a todos que fizeram parte do meu trabalho.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente adeus, e aos meus pais Romildo Alves Ferreira dos Santos e Ildina da Conceição ferreira, que tanto fizeram para que eu estivesse aqui. Aos meus irmãos Joatã, Jabes, Iomani, Inaiara, Irauana, Itaiane, Ianuai, Ildywara, Awakaanã e Txoahã, ao meu esposo Hezio a minha filha Niaktamany que enfrentou esta caminhada junto comigo, agradeço a toda minha família que sempre mim deu força para continuar lutando pelos meus objetivos.

Agradeço aos mais velhos da minha aldeia que contribuíram com suas histórias para que eu pudesse esta realizando este trabalho, ao senhor José Matias, Ananias Nascimento, Romildo Alves Ferreira dos Santos e Ildina da Conceição Ferreira. E as demais lideranças que sempre estão nós apoiando o que precisamos dentro e fora da aldeia. Aos que lutaram e aos lutam nos dias de hoje para melhoria da nossa comunidade.

A universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), faculdade de educação FaE, que nós deu espaço enquanto estudante indígenas.

Aos professores e bolsistas que nos deu toda atenção quando estávamos precisando, a professora Maria Gorete Neto e professor Marco Scarassatti e os demais professores. Ao meu orientador professor Josiley Francisco de Souza que me ajudou sempre que precisei e a todos os bolsistas.

Agradeço aos demais colegas, que durante esse percurso foi uma parte da minha família e com brincadeiras e conversas fazia esquece a saudade de casa. E as demais pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

Resumo

O meu trabalho aborda as narrativas da Aldeia Barra Velha contada pelos mais velhos em que os próprios moradores da comunidade são os personagens, aquelas histórias acontecidas com eles. Busquei neste trabalho mostrar a importância que essas narrativas têm para minha aldeia, pois muitas coisas estão mudando e cada vez mais as histórias dos nossos mais velhos estão ficando esquecidas pela comunidade, pois os mais jovens nos dias de hoje não estão contando as histórias como antigamente. Nesta pesquisa, busquei abordar a importância que essas histórias têm para o povo, como elas eram contadas antigamente e como são contadas nos dias de hoje, em que momentos eram contadas e de onde vêm essas narrativas. Nas entrevistas feitas com alguns dos meus entrevistados, pude perceber que eles sentem muita falta dessas histórias dentro da aldeia, e que as crianças e jovens não fazem mais questão de ouvir o que eles querem passar. Eles veem que a educação não é como a de antes com o crescimento da comunidade. As histórias contadas por eles foram transcritas, como uma forma de registro para que outras pessoas possam ler.

Palavras-chave: Narrativas; Pataxó; Aldeia Barra Velha.

Sumário

1. Apresentação	7
2. O povo Pataxó	9
2.1. História de resistência do povo Pataxó.....	11
2.2. Como se deu o nome do povo Pataxó	12
2.3. Os rituais	12
2.4. A aldeia Barra Velha	12
3. Estas e outras histórias	15
3.1 Como eram contadas as histórias antigamente	15
3.2 Como nos dias de hoje são contadas as histórias	17
3.3 Em que momentos eram contadas essas histórias	18
3.4 De onde vêm as narrativas	20
3.5 A importância que essas narrativas têm para meu povo	20
3.6 As narrativas e a contação de histórias no contexto Pataxó	21
4. Coleção de Histórias.....	23
4.1 A história dessas histórias.....	23
Arural Pataxó [Romildo Alves Ferreira dos Santos]	26
<i>História do Bacurau</i>	<i>26</i>
<i>História do bicho de pé de garrafa</i>	<i>27</i>
<i>História do boitatá</i>	<i>27</i>
Ananias Nascimento	30
<i>História da Janaina e a caipora</i>	<i>30</i>
<i>História da caipora</i>	<i>31</i>
Arapati [José Matias Ferreira]	34
<i>História do boitata</i>	<i>34</i>
<i>História da Caipora</i>	<i>35</i>
<i>História da Caipora</i>	<i>36</i>
Cuiuba [Ildina da Conceição Ferreira]	38
<i>História do pássaro peixe frito</i>	<i>38</i>
<i>História da caipora</i>	<i>39</i>
<i>História da Janaina</i>	<i>36</i>
Considerações finais	41
Referências	42

1. Apresentação

Eu Itanajé Ferreira dos Santos, sou da etnia Pataxó, moro na aldeia Barra Velha no Município de Porto Seguro, no extremo Sul da Bahia. A minha aldeia tem muitas histórias, contadas pelos anciões em que eles próprios fizeram parte dessas histórias, e eu como estudante, ao perceber a importância dessas narrativas e a necessidade dentro da comunidade pelo registro escrito, resolvi escrever as narrativas da aldeia contadas oralmente pelas pessoas da comunidade com objetivo de registrar algumas delas e transcrever para que possa deixar registradas essas histórias para que outras possam esta lendo.

Nos dias de hoje tanto os jovens quanto as crianças já não senta com aquela frequência junto com os anciões para ouvi suas histórias, são poucos os que gostam de ficar prestando atenção e aprender, os mais velhos dizem que a criação dos dias de hoje tem outra educação, que as crianças não tem mais aquele respeito com o que eles querem passar, e também que já não acreditam mais nessas histórias, mais que antigamente eles sabiam respeitar a natureza em que eles viviam, e respeitar os mais velhos, pois a educação que seus pais lhes passaram era outra.

A arte de narrar está definhando porque a sabedoria, o lado épico da verdade esta em extinção. Porem esse processo vem de longe nada seria mais tolo que ver nele um “sistema de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo tem se desenvolvendo concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. (BENJAMIM, 1994, p. 201).

O que um ancião sabe ele que passa para nós, eles querem que nós conheçamos suas histórias, seus causos acontecidos, pois eles tem um grande valor, e uma sabedoria nos conhecimentos de um pessoa que já pode vivenciar a história. Muitas pessoas não acreditam nessas narrativas contadas, mas que fazem parte da história de um povo e de um lugar que marca a vida das pessoas que tiveram nesse lugar nessa aldeia que é uma das primeiras aldeias e muitas histórias já se passaram por aqui. Como observa Ecléa Bosi (1994, p.85), “o narrador tira o que narra da própria experiência é a transforma em experiência dos que escutam”.

Os contadores trazem nas histórias suas experiências vividas através dos acontecimentos, assim eram transmitidos os conhecimentos dos velhos antigamente. Em diálogo com Walter Benjamin (1994, p.198), observamos que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”.

Contar essas narrativas é uma arte que faz parte da vida dos povos indígenas em todos os lugares, é o meio pelo qual transmitem suas histórias e acontecimentos de suas vidas para os mais jovens. Inclusive esta era a principal forma de transmissão da memória das sociedades humanas quando ainda não havia a escrita, quando narrativas eram transmitidas oralmente na beira da fogueira ou em outros momentos em que as pessoas se reuniam. Como afirma Walter Benjamin (1994, p. 205), os momentos de contar e ouvir histórias “já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes.”

Desse modo, vai acabando cada vez mais a presença dos contadores de histórias, pois a sociedade vai crescendo e se desenvolvendo e deixando de lado o que antes fazia parte da rotina de um determinado lugar. E nos dias de hoje, está cada vez mais se afastando os ouvintes, por isso que os narradores estão de certa forma sendo esquecidos. Tomando novamente Walter Benjamin,(1994, p.198.) pode-se observar que na sociedade contemporânea, “a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Antigamente, os contadores não iam à escola, mas sabiam contar suas histórias, o que nos dias de hoje não existe.

Entre os fantasmas que povoam o imaginário desses contos, o sistema educacional e seus objetivos representam o mais sério antagonista. Na conversa com os contadores, infere-se o seu medo diante do número crescente de escolas, inquietação que termina por aparecer na temática dos contos, influenciada por esse avanço que retira dos contadores o antigo papel de mestres e a força a conquistar os meios de manter o prestígio de proprietário dos conhecimentos necessários à vivência dos indivíduos locais. (PEREIRA, 1996, p.52).

2. O povo Pataxó

O povo Pataxó foram uns dos primeiros povos a ter contato com os não indígenas, foram séculos de contato. É considerado como um povo guerreiro que após muitos anos de massacre sofrido, não deixou de lado sua cultura seus conhecimentos tradicionais e sua alegria.

O povo Pataxó habita o extremo Sul da Bahia, nos municípios de Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália e Itamarajú, são 30 aldeias distribuídas em seis terras indígenas Águas Belas, Mata Medonha, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba e Coroa Vermelha e seis aldeias no interior de Minas Gerais no município de Carmésia, Araçuaí e Itapeçerica. “Os registros históricos comprovam que a presença dos Pataxó na região entre o rio de Porto Seguro e a margem norte do rio São Mateus, no atual estado do Espírito Santo, remonta ao século 16.” (CARDOSO; PINHEIRO (Orgs.), 2012, p. 24.)

Cada aldeia tem um líder, denominado cacique, que constitui um porta voz na comunidade, ele é a pessoa responsável em esta buscado melhorias para sua aldeia, quando algo acontece na comunidade ele juntamente com as outras lideranças tem que resolve o que esta acontecendo dentro da aldeia.

A população dos Pataxós da Bahia e Minas Gerais, no ano de 2010, é de 11.785 habitantes.

Os dados da SESAI (secretaria de saúde indígena), registram para o ano de 2010, cerca de 11.436 habitantes, distribuídos pelas aldeias Barra Velha, Aldeia Velha, Boca da Mata, Meio da Mata, Imbiriba, que estão localizadas no município de Porto Seguro, aldeia Pé do Monte, Trevo do Parque, Guaxuma, Corumbauzinho e Aldeia Nova no município de Itamaraju, Coroa Vermelha e Mata Medonha em Santa Cruz Cabrália, Águas Belas, Craveiro, Tauá, Tibá, Corrego do Ouro, Cahy e Alegria Nova no Prado. No estado de Minas Gerais, nos municípios de Carmésia, Itapeçerica e Araçuaí viviam segundos dados da SESAI, cerca de 349 Pataxó. (CARDOSO; PINHEIRO, 2012, p. 25).

O povo Pataxó do extremo Sul da Bahia muitos vivem do turismo, por as aldeias serem próximo da praia, muitas famílias tiram seus sustentos vendendo seus artesanatos nas praias, outras tem seu próprio trabalho e muitos vivem da agricultura. Cada aldeia tem seu meio de sobrevivência, mais sempre preservado sua cultura e seus costumes.

Nos dias de hoje nos Pataxó usamos a língua portuguesas para nos comunica, porque os não índios quando chegaram em nossos terras, proibiram os nossos antepassados de fala sua língua, então eles teve que aprender a sua do não índio. Os mais velhos contam que eles

os proibiu de falar sua língua, e aqueles que falavam eles pegavam e cortavam a língua para não falar. Muitos dizem que a língua do nosso povo estava morta, mais ela não tava morta, ela só foi proibida de ser falada, pois os que sabiam fala não podia a usar.

Para entendemos o porquê Pataxó não fala mais sua língua, é importante lembrar e considerar várias coisas, porque nossa língua não foi perdida porque quisemos. A língua Pataxó nos foi tirada, nos foi proibido e negado o direito de continuar falando nossa língua. (PROFESSORES INDÍGENAS – POVO PATAXÓ, 2005, p. 14).

Os professores e as lideranças ao sentirem a necessidade de esta buscando manter a língua dentro das nossas aldeias, começaram a fazer pesquisas nas aldeias Barra Velha e Coroa Vermelha, e depois o grupo foi crescendo e eles começaram a fazer projetos para conseguir verbas para manter a pesquisa, o nome da língua foi chamado patxohã que significa linguagem de guerreiro. A língua Pataxó vem do tronco Macro-jê da mesma família da Maxakali.

Hoje a língua patxohã é ensinada nas escolas das aldeias, desde a educação infantil ao ensino médio. Foi uma luta das lideranças para esta buscando para que isto acontecesse dentro das comunidades.

Em 1951, aconteceu um fato que marcou a história do povo Pataxó, chamado de Fogo de 51. Esse acontecimento foi um massacre do povo Pataxó foi uma guerra que aconteceu na aldeia Barra Velha, onde muitos índios morreram homens, mulheres, crianças e velhos. Esse massacre aconteceu quando o capitão da aldeia que se chamava Honório ferreira ele e outras lideranças viajaram, para o Rio de Janeiro em busca da demarcação de suas terras.

Quando voltaram, eles vieram acompanhados de dois homens, de se diziam se engenheiros e que iriam demarcar as terras. Mas não foi isto que aconteceu, eles iludiram os índios para rouba um senhor que tinha uma venda em lugar perto da aldeia chamado Corumbau. Eles pegaram e roubaram toda mercadoria do homem, depois amarram ele e jogaram na praia. Iam passado dois homens por ali e perguntou a Teodomiro que foi que tinha feito aquilo com ele, e disse que tinha sido os índios. Eles então avisaram os policias de Porto Seguro e Prado, que ao chegar a na aldeia começaram a atirar contra os índios e partir daí começou o massacre contra o povo Pataxó. Onde morreram muitos índios, muitos fugiram para longe da aldeia e com esse massacre foi que surgiu as outras aldeias Pataxó, que muitos dos índios que foram embora não quis volta mais para a aldeia.

Essa história que aconteceu com nossos mais velhos, e muito triste, muito não gostam nem de conta o que aconteceu com seus parentes essa guerra.

2.2. História de resistência do povo Pataxó

O povo Pataxó é um povo que apesar de muitos sofrimentos, sempre foi povo resistente nunca deixou de luta pelos direitos. Apesar do massacre ocorrido com eles no ano de 1951, nunca deixaram de buscar melhorias para suas comunidades.

Antigamente o povo tinha mais dificuldades de esta viajando em busca de melhorias para suas aldeias, como a demarcação de suas terras, saúde e educação. Os mais velhos viajavam ate Brasília, Rio de Janeiro e Salvador. Andavam pegando carona pelas estradas, dormindo nas calçadas para temos o que tem hoje dentro das nossas aldeias, uma histórias triste de resistência, enfrentado os preconceitos, muitas das vezes iam e não conseguiam o que queriam, mais nunca deixaram de lutar pelos seus objetivos de ter uma boa condição de vida para seu povo.

Hoje dentro das nossas comunidades já temos uma boa condições de vida, da que tínhamos antes. Temos escolas, posto de saúde, estradas e boa moradia. Muitas das nossas aldeias indígenas já têm muitas tecnologias como a internet a televisão. Mais tudo de temos hoje devemos agradece a aqueles que sempre lutaram e estão lutando por nós, nossas lideranças, que estão sempre em frente de nossas causas.

A luta maior do povo Pataxó sempre foi a demarcação de suas terras, muitos índios foram mortos nessa luta, nossos anciãos já vêm lutando para que nossas terras fossem demarcadas. E até hoje a luta ainda e grande, as lideranças estão sempre viajando, buscado apoio para nossa causa, para que as futuras gerações tenha uma terra para viverem. “Desde a década de 70, o nosso povo vem lutando pela homologação e demarcação de nosso território tradicional.” (PROFESSORES INDÍGENAS – POVO PATAXÓ, 2005, p. 25.)

As lideranças estão sempre se reunindo para estarem conversado e buscando meios de esta fazendo documentos, para esta mandado para os órgãos de fazem parte da causa indígena, para junto com eles estarem conseguindo apoio para esta buscando seus direitos ao seu território, que por muitos anos, os nossos velhos vem lutando para que seja nosso como temos direito. Que foi invadido e tirado de nós, e que para temos ele de volta como nosso por lei, temos muitos índios, que derramou seu sangue e ainda continua derramado pela terra que sempre foi sua.

A história dos Pataxós é marcada por muita luta e resistência frente ao processo de colonização e ocupação do extremo sul da Bahia. É também uma história marcada pelo cruzamento de diversas histórias individuais e coletivas de pessoas que no seu cotidiano acessavam as matas e rios,

narravam mitos e faziam seus rituais, ou seja, viviam a vida em torno de suas praticas culturais. (CARDOSO; PINHEIRO, 2012, p. 25).

2.3. Como se deu o nome do povo Pataxó

Os mais velhos contam que antigamente eles viviam dentro da mata, e quando vinham para beira da praia, pegavam seus alimentos para fazer seus rituais e ali sentados na praia prestaram atenção no barulho do mar que vinha e batia nas pedras fazendo “PATA” e como voltam fazia “XÓ” foi daí que se deu o nome Pataxó. O nome *Pataxó* significa “banho das águas”.

2.4. Os rituais

Os rituais para nós, Pataxó, são importantes não só para esta preservado nossa cultura, mas também para estamos buscando fortalecimento para nossa comunidade, pois quando se reunimos para esta fazendo nossos rituais buscamos respeito pelos anciões que já se foram, e ali buscamos força também para esta sempre lutando pelos o que queremos.

O respeito que os nossos velhos tem com nossos rituais, para eles quando fazemos o nosso awê, ali que eles recebem os espíritos da natureza. Nós também temos nossos momentos de esta fazendo nossos rituais.

O canto e dança estão presente nos nossos rituais, o canto nos representa força, porque nossos velhos quando eles iam para algum movimento que fosse, eles estavam sempre cantando ali nos seus cantos eles tinham força para vence cada luta. As musicas presentes em nossos rituais também são de grande importância para o nosso povo.

2.5. A aldeia Barra Velha

Vou contar a história da aldeia Barra Velha, a partir da minha vivência dentro da minha aldeia, essa história ouvi de meu avós, de meus pais sobre a minha comunidade e assim conhecendo um pouco da realidade da minha aldeia.

A aldeia Barra Velha está localizada no município de Porto Seguro no extremo sul da Bahia, Barra velha foi a primeira aldeia pataxó criada no ano de 1861 situada entre os rios Caraíva e Corumbau, os mais velhos da aldeia contam que antes era conhecida como Bom

Jardim porque tinha muito jasmim na beira das lagoas da aldeia, hoje se chama Barra Velha, porque está localizada em um local onde existia uma antiga barra. Então os mais velhos deram o nome de Barra Velha, hoje esta barra se localiza no rio Corumbau.

Foi daqui da aldeia Barra Velha que surgiram as outras aldeias Pataxó no ano de 1951, quando aconteceu o massacre chamado “Fogo de 51”, uma guerra muito triste que aconteceu, quando muitos Pataxó foram mortos – mulheres, crianças, homens e anciões. Foi uma guerra muito triste que até hoje os mais velhos se emocionam bastante quando eles contam essa história muitos nem gostam de contar. Os mais velhos da aldeia contam que a aldeia de Barra Velha já foi destruída três vezes no ano de 1951.

A aldeia Barra Velha por se a primeira aldeia a ser formada é conhecida como aldeia Mãe, muitos dos mais velhos que saíram de Barra Velha, não voltaram mais, acabaram formando outras aldeias Pataxó por terem sofrido muito e também pela falta de terra para fazer suas roças, a maioria que ficou resistiu a isto, mas muitos saíram buscado melhoria de vida para sua família. E na década de 70, foi que as pessoas começaram a retorna para a aldeia, onde se iniciou o processo de luta pela terra, onde as lideranças começaram a busca seus direitos pela terra, em viagem a Brasília e Salvador para que conseguisse a demarcação de seu território foram muitos dias de viagens, pois eles iam andando pegando carona nas estradas, passando fome trabalhando em fazendas para esta conseguindo o direito a demarcação de suas terras, a terra indígena Barra Velha está localizada próxima a uma área de proteção ambiental o Parque Monte Pascoal que para os Pataxó e um patrimônio cultural. Atualmente a área do território de Barra Velha é de 8.627 hectares que fica entre os rios Caraíva e Corumbau. Ainda está em processo para a demarcação de 52.748 hectares de terra.

As famílias mais antigas da aldeia de Barra Velha são os Braz, Ferreira, Máximo, Santana, Alves e Nascimento. A aldeia é organizada pelas famílias e também pelo cacique que é uma liderança maior, o vice-cacique e pelas outras lideranças que fazem parte desse grupo, existe também as associações que servem para receber e fazer projetos para melhoria da comunidade. O cacique tem a função de manter a aldeia unida, e lidera a luta pelos direitos para sua aldeia sempre em busca de melhorias para seu povo.

Hoje na aldeia as pessoas sobrevivem do artesanato, da pesca, da agricultura, do turismo e de alguns comércios e do trabalho na escola e no posto de saúde. Ainda nos dias de hoje, as lideranças da aldeia enfrentam necessidades para buscar melhorias para a comunidade. A aldeia é organizada pelas lideranças, o cacique e outras lideranças que fazem parte do conselho de lideranças da comunidade.

Na aldeia Barra Velha o povo tem várias datas comemorativas como a festa do dia do índio, que é comemorada pela comunidade e as extensões que fazem parte da aldeia, e as festa que são realizadas no final do ano, em dezembro Festa de Nossa Senhora da Conceição, janeiro, Festa de Santo Reis e São Sebastião, em fevereiro que é festejado o São Braz, essas festas reúnem os parentes de várias aldeias que vem para participar juntos com os parentes daqui.

Temos também o lual cultural que se faz em toda noite de lua cheia onde são preparados todas as comidas e bebidas tradicional do povo como o beiju, farinha de puba, farinha de coco, peixe a assado na patioba o kawi.O lual que acontece em todas as noites de lua cheia, e uma forma de traze cada vez mais os jovens para dentro da sua cultura, pois hoje dentro da comunidade já tem bastante influência de não índio e com a chegada de novas tecnologias faz com que muitos dos jovens se afaste de sua cultura.

Na aldeia, o povo tem ainda muito forte o conhecimento dos mais velhos com os remédios feitos com ervas medicinais, apesar de que hoje na comunidade já temos o posto de saúde que atende a comunidade, o pessoal da aldeia ainda usam bastante o conhecimento tradicional dos mais velhos.

Na aldeia Barra Velha os professores de cultura juntamente com a comunidade esta buscando esta preservando a cultura por meio dos rituais, e o ensinamento da língua dentro da sala de aula isto já e uma conquista para o nosso povo em quanto Pataxó que sofremos bastante com influencia de não índio, apesar de tantas lutas estamos cada vez mais resistindo em quanto povo.

3. Estas e outras histórias

Sempre gostei de ouvir histórias contadas pelos mais velhos da minha aldeia, aquelas em que eles próprios participam das histórias como personagens, narram algo que aconteceu com eles, ou com alguém da comunidade.

Quando comecei a fazer o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, na habilitação Línguas, Artes e Literatura, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI-FAE-UFMG), vi a oportunidade de estar fazendo meu trabalho com essas narrativas, contadas dentro da minha aldeia, ou ver também que não existiam materiais registrados sobre as narrativas da aldeia contadas oralmente.

Essas narrativas são importantes para a história do povo. Resolvi registrar essas histórias contadas por algumas pessoas da comunidade em que os próprios moradores são personagens, histórias das suas andanças pelas florestas e mares, pois muitos dos nossos anciões já morreram e seus conhecimentos ficaram perdidos com eles, são conhecimentos que têm muita importância para nosso povo, principalmente para os jovens e as crianças.

As crianças indígenas crescem ouvindo histórias contadas pelos mais velhos da aldeia, escutá-las é a parte fundamental de seu processo de educação. O conhecimento que é passado dos mais velhos para as crianças na oralidade faz parte das raízes de um povo. Essas narrativas possuem grande valor para o nosso povo, pois transmitem conhecimento e respeito pela natureza. Antigamente, se ouvia muitas dessas narrativas que os mais velhos contavam ao redor da fogueira. Como observa Walter Benjamin (1994, p. 205), “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.” As histórias vão ficando esquecidas, pois quem está ouvindo não está prestando atenção, assim não aprende com quem está contando aquilo que era passado de geração a geração, por anos, como nas comunidades indígenas onde seus conhecimentos eram transmitidos de pai para filho através das histórias e vivências em seu dia a dia. Com as mudanças acontecidas, isso vai cada vez mais ficando de lado pela geração dos mais novos das comunidades.

3.1 Como eram contadas as histórias antigamente

Há uns anos atrás, o povo Pataxó de Barra Velha ainda praticava bastante a arte de contar histórias, quando iam para a beira do rio lavar roupa ou vasilhas, ou quando se reuniam

em baixo de uma árvore para fazer seus artesanatos. Todas as noites, as famílias se reuniam em frente de suas casas e ali, ao redor da fogueira, eles contavam aventuras que eles tinham passado em suas andanças pelas florestas, rios e mares, histórias de medo de assombrações que existem na natureza, e outras. Todos prestavam bastante atenção, principalmente as crianças. Ildina da Conceição Ferreira, da Aldeia Barra Velha, por exemplo, conta sobre os momentos em que eram narradas histórias:

Quando eles ia à casa do oto, ia visitar, ia no dia santo. Aí sentava, se reunia para contá, aí ficava contando a história, conta um causo, né? Chamava era causo, aí contava de noite, quando eles contava, quando fazia o fogo pa assá um peixe, aí eles se reunia para contar história.



Figura 1 - Momento de contação de histórias durante preparo de caranquejo assado em março de 2016.
Foto: Itanajé Ferreira dos Santos.

Até hoje ainda me lembro de quando meus pais iam para casa de meus avós e lá, meu avô contava essas histórias para mim e meus primos. Lembro também quando seu Luis Capitão, um ancião da aldeia, que já morreu, contava suas histórias em frente de sua casa ou quando ia à casa da minha mãe e contava suas narrativas. Sempre gostei daquele tempo e de ouvir o que eles contavam.

Nos dias de hoje, já não existem mais esses momentos de contar histórias, pois os ouvintes não dão aquela devida atenção ao que os mais velhos dizem. Os anciões já não contam mais suas narrativas e causos, muitos deles já morreram, outros já estão bastante velhos. Algumas pessoas da comunidade ainda contam, mas quase ninguém faz questão de aprender, porque são poucos os que param para ouvir. Enquanto eles estão contando suas

histórias, muitas crianças estão assistindo desenhos na televisão e são poucos os que param para escutar o que os pais ou outros mais velhos estão contando.

Enquanto isso, as narrativas de nosso povo vão ficando esquecidas no tempo e na memória daqueles que sabem, mas hoje já não as contam. Os mais velhos da aldeia sempre falam que as crianças de agora não fazem mais questão de aprender o que eles têm para contar e o que eles têm para ensinar. Quando sentam para contar, são poucas as crianças que param para ouvir. Antigamente, quando um velho contava uma história, a aldeia fazia silêncio para ouvir e, assim, eram contadas as histórias oralmente pelos mais velhos.



Figura 2 - Foto de um raro momento de contação de histórias, quando houve falta de energia elétrica em fevereiro de 2016.

Foto: Itanajé Ferreira dos Santos.

3.2 Como nos dias de hoje são contadas as histórias

Nos dias de hoje, já não se contam as histórias como era feito antigamente pelos mais velhos da aldeia, hoje quando os mais velhos sentam para contar suas histórias, muitas das crianças não dão atenção aos que eles dizem e eles acabam reclamando que a educação dos dias de hoje é diferente da que seus pais lhes passaram. As famílias já não se reúnem mais ao redor da fogueira a noite para contar suas narrativas, com a chegada da energia elétrica a noite cada um vai assistir sua televisão. O tempo foi passando e tudo foi mudando, principalmente com a chegada do desenvolvimento das novas tecnologias. As crianças hoje, quando chega à noite vão assistir televisão, e quando os mais velhos se reúnem para contar suas histórias são

poucas as crianças que prestam atenção para ouvir. As histórias hoje são transmitidas pelos professores na sala de aula, ou quando eles pegam um livro para ler. Isso faz com que a presença do contador de histórias vá ficando esquecida. Conforme observa Vera Lúcia Felício Pereira, o contador de histórias tem um papel especial na transmissão de saberes de uma comunidade.

O papel especial exercido dentro das comunidades por aquele que ostenta o dom de contar liga-se, de uma certa maneira, a essa imagem de um saber privilegiado, desse discurso poderoso que não pode ser permitido fora do seu lugar e do seu tempo. (PEREIRA, 1996, p. 50).

Muita coisa nova chegou para dentro da aldeia. Isso foi bom, mas mudou muito a cultura de nosso povo. Com o crescimento da comunidade, não tem como manter por muito tempo os costumes, com o passar do tempo, muita coisa vai se perdendo. Nos dias de hoje, os conhecimentos já são passados de várias formas, através não só da oralidade, hoje já existem livros, internet e outros. Com isto, não tem como manter os costumes de antigamente.

Este contador oriundo de uma tradição em extinção, hoje convive com o contador contemporâneo que estuda, pesquisa e se apresenta apropriando-se de novas tecnologias. A arte de narrar, então, ganha novos suportes como CDs, CD-ROMs, DVD, ampliando seu raio de ação social e sensibilizadora, ao mesmo tempo que se insere nesta pós-modernidade que se apresenta trazendo outras perspectivas para esta arte ancestral. (BEDRAN, 2010, p. 29).

Como observa Akerlan Santos Nascimento em seu trabalho de pesquisa, na cultura Pataxó aconteceram muitas mudanças com a chegada das novas tecnologias:

Na atualidade esse costume não é mais praticado com muita frequência, porque a população cresceu e existem interferências de outras culturas vindas de fora para dentro da aldeia, um exemplo foi a energia elétrica, a televisão entre outras. Com essas tecnologias adentrando em nossa aldeia, aqueles conhecimentos que eram passados em volta da fogueira, o hábito de parar para ouvir os mais velhos, pouco a pouco, foram e estão sendo esquecidos pelos mais jovens, o que faz mudar nossa realidade cultural. (NASCIMENTO, 2014, p. 19).

3.3 Em que momentos eram contadas essas histórias

O povo antigamente se reunia para contar suas histórias ou “causos”, como eles diziam. Antigamente, história de seu dia a dia vivido na comunidade relacionada à vida na natureza. Eles contavam suas histórias ali nos quintais de suas casas ou ao redor de uma fogueira, à noite em frente de suas casas. Reunia-se muita gente para ouvir as histórias que os anciões contavam.

Antigamente eles reuniam quando um ia na casa do outro, ia visitar o outro, e lá eles sentavam para contar suas histórias ou seus causos, era como eles diziam antigamente. (FERREIRA).



Figura 3 - Preparo de peixe durante a semana santa de 2016, enquanto são contadas histórias e entoados cantos.
Foto: Itanajé Ferreira dos Santos.

Hoje os mais velhos da comunidade reclamam, porque os jovens e as crianças tem outra educação, que nos seus tempos seus pais lhes ensinaram de outra forma. Quando um mais velho falava, todos faziam silêncio para ouvir, era uma forma de respeito com eles, com seus ensinamentos. Eles não tinham escola, mas a educação que eles passavam para seus filhos era outra da que se tem hoje.

Como afirma Walter Benjamin (1994, p. 205):

Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. Assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho.

Isso porque nos dias de hoje, quem escuta o que o narrador contar e não ouvir com atenção, acaba não guardando o que o outro tem lhe passado. Isso vai cada vez mais enfraquecendo a presença do contador no meio em que vivemos, pois ele vai acabar deixando de contar suas histórias, porque a quantidade de ouvintes vai diminuindo com o passar do tempo. Com tudo isso, os mais velhos acabam reclamando que as crianças já não dão tanta atenção ao que eles dizem.

De primeiro era outra vivência, né? Era outro respeito, era outra assunto, aquelas crianças tinha aquele... o prazê de sentá junto com os velhos para ouvi os causos, e hoje em dia as criançadas não tem aquele respeito, né? Quando a vez um, dois três tá ‘sistindo dez, quinze tá mangando, né? É assim que tá hoje em dia. (NASCIMENTO, 2015).

3.4 De onde vêm as narrativas

As narrativas indígenas são as histórias que uma pessoa conta de seu conhecimento com o meio em que ele vive, como eram os nossos costumes, a nossa cultura tradicional, história relacionada a sua vida, no seu dia a dia.

A história indígena sempre foi contada dos mais velhos para os mais novos oralmente, porque eles não sabiam nem ler e nem escrever. Quando um mais velho contava uma história ou um “causo” como eles falam, os mais novos faziam silêncio para ouvir e assim eram passadas as narrativas para não serem esquecidas. Era assim que eles passavam seus conhecimentos. Conforme observa LIMA e CARIE, as narrativas orais podem ser usadas no estudo de História, respeitando os valores e os conhecimentos de um povo, pois muitas das narrativas contadas trazem as memórias de vivência do povo.

As narrativas indígenas podem ser consideradas fontes ricas para o ensino de História, desde que trabalhadas de forma adequada, ou seja, respeitando a alteridade cultural, os diferentes conjuntos de valores, crenças e organização social desses povos.

[...]

As narrativas de memória indígena são aquelas que tratam da relação passado presente, que dão explicações sobre as origens de um povo e aspectos da cultura a partir da memória coletiva de uma comunidade. (LIMA; CARIE, 2013, p. 46-47).

3.5 A importância que essas narrativas têm para meu povo

As narrativas de tradição oral são importantes para nós, indígenas, porque é através das histórias contadas pelos mais velhos que são transmitidos acontecimentos dos tempos passados, sobre como os povos viviam antigamente, e sobre as diferenças que existem para como era antes, como vivemos hoje, quais mudanças aconteceram e porque já não se contam mais essas histórias.

Nos tempos de antigamente, as histórias eram contadas oralmente, passadas de pai para filhos, era uma forma também de não se perde essas narrativas. A cada tempo que passa,

são esquecidas muitas de nossas tradições e de nossas histórias. As pessoas mais antigas vão morrendo e, assim, vamos perdendo muitos conhecimentos com isso ficam na responsabilidade dos mais novos guardar essas histórias. Se eles não conhecerem as histórias dos nossos anciões, vão ficar pedidas. Os que virão vão perder as histórias da vida e o conhecimento de seu povo. Muitos dos jovens não dão valor, enquanto os mais velhos contam, mas se eles morrem e levam suas histórias, eles não vão conhecer. É importante os mais velhos contarem as narrativas para os mais novos, as histórias que eles ouviram de seus pais.

A tradição oral é o conhecimento dos mais velhos, histórias de antigamente passadas fazem parte dos acontecimentos dos nossos velhos, que eles trazem gravados nas suas memórias, eles que são nossos livros vivos. Como afirma Cléo Busatto (2007, p.10), “São poucos os que acreditam no sagrado contido na noite, nas palavras de xapiripe e no poder curativo das histórias simbólicas.” É isso que acontece, pois muitos de nossos jovens e crianças já não querem escutar o que os nossos velhos dizem.

Cada contador de história traz com ele seu conhecimento, cada um conta sua história da maneira que ele a viveu. Como observa Beatriz Martini Bedran (2010, p. 29), “o contador tradicional é aquele que traz nas suas narrativas fatos de sua vida, isto é, que retira suas histórias da sua própria existência.”

Quando a narrativa é transmitida de uma pessoa para outra, ela vai ter algumas mudanças, como observa Vera Lúcia Felício Pereira:

As narrativas são reelaboradas, recontadas conforme o modo particular de ver e agir daquele que narra. E nunca são repetidas à letra, assim como anteriormente foram ouvidas; modificam-se, sofrem variações de acordo com o espaço, o tempo e a experiência de seu contador. (PEREIRA, 1996, p. 52).

Cada povo indígena tem sua história, narrativas dos animais, das florestas, das plantas dos seus conhecimentos tradicionais. Por isso, há a importância de se aprender com eles para que um dia possamos também contar para nossos filhos.

3.6 As narrativas e a contação de histórias no contexto Pataxó

O povo Pataxó foi um dos primeiros povos indígenas a ter contato com o não índios, um povo sofrido que, apesar de tanto massacre, não deixou de lado sua cultura, sua tradição e suas histórias. Através das histórias contadas pelos mais velhos, eles conseguiram preservar sua história por muitos e muitos anos. Antigamente, os nossos mais velhos não sabiam ler

nem escrever, os saberes eram contados de pai para filho através da oralidade, e muitos de seus conhecimentos ainda ficaram perdidos com eles, por não terem conhecimento da escrita. Alguns registros foram feitos por não-indígenas, pessoas que passaram pela aldeia e que conheceram história e cultura Pataxó. Antigamente, nossos mais velhos eram nossos livros. Eles têm o dom de um contador de histórias que alguém que estudou não tem, porque eles puderam vivenciar as histórias e, depois, contar para seus filhos e de seus filhos para seus netos...

Como afirma Vera Lúcia Felício Pereira:

A arte de contar incorpora-se intimamente ao viver dos grupos e nela a palavra detém o halo de participar dos momentos decisivos da humanidade.

[...]

O papel especial exercido dentro das comunidades por aquele que ostenta o dom de contar liga-se, de uma certa maneira, a essa imagem de um saber privilegiado, desse discurso poderoso que não pode ser permitido fora do seu lugar e do seu tempo. (PEREIRA, 1996, p. 50).

4. Coleção de Histórias

4.1 A história dessas histórias

Como foram selecionadas as histórias registradas

As narrativas escolhidas para meu trabalho são histórias vivenciadas por pessoas da minha aldeia Barra Velha. Os mais velhos contam muitas histórias acontecidas com eles e com outros moradores, sobre o respeito que eles tinham com a natureza em que viviam, além de ter acontecido muitas coisas com eles que a gente não vê mais nos dias de hoje. As histórias deste trabalho estão relacionadas com o meio em que eles vivem, o que eles presenciavam antigamente.

A histórias que eles conta sobre a caipora, a caipora para eles é uma protetora da mata, que cuida dos animais quando uma mais velho saía para caça eles levavam aquelas oferendas para ela, para não acontece dele ficar perdido mata ou de não mata nem uma caça, que eles diziam que ela “atraia” as pessoas, ou seja fazia as pessoas ficarem perdidas no mato do muito tempo. E ela não gosta que as pessoas matar seus animais.

A história do pássaro peixe frito os mais velhos contam que ele é um passarinho assobrado, se ficar remendando ele, o passarinho pode se transforma em outra coisa e da medo as pessoas por isso quando um mais velhos perdi para uma criança não ficar brincado com esses tipos de coisa e um aprendizado que ele já trouxe de seus anciões.

A narrativa que eles contam também do bacurau que é um passarinho, que não podemos remenda ou fica imitando ele cantar porque ele faz medo na gente e quando isto acontece só pessoas que sabem de rezas para fazer com que eles vão embora, ele pode ate de fazer mal as pessoas.

A narrativa contada pelos mais velhos sobre a Janaina eles dizem que quando eles saíam para o mar pescar eles levavam presentes para ela, para que suas pescariam fosse boa, para eles ao esta oferecendo os presentes a ela, ela daria o peixe em troca, e isto tudo é um conhecimento dos nossos mais velhos que já não se tem nos dias de hoje, as pessoas não acreditam mais nisso.

A história do bicho de garrafa eles dizem que é o bicho homem que vivia antigamente nas matas e comia os brotos das plantas mais que podia também fazer mal as pessoas por isto os mais velhos tinha todo aquele conhecimento no meio em que eles viviam.

Sobre as histórias que eu escolhi para escrever, foi com o objetivo que as crianças ou quem ler meu trabalho possa conhecer um pouco como os mais velhos viviam antigamente, como eles respeitavam a natureza e nessas narrativas eles mostram o que tinha antigamente e que isto já não tem hoje, pois as coisas foram mudando e com essa mudança muita coisa foi desaparecendo. Os seres que vivem na mata sumiu também porque já não se tem mata como antes, os seres do mar sumiu talvez porque os pescadores já não lhes oferecem mais os presentes a eles já não tem aquele respeito com os mais velhos tinha antigamente. Muitos deles não existem mais também com o crescimento da população, e cada vez mais vai acabando a vivência também era outra da de agora.

Essas histórias vão ficando esquecidas, porque o que tinha antes não se tem mais hoje, se agente não conhece não tem como passa.

Muitas pessoas que não mora dentro da aldeia acha que os que os mais velhos dizem e lenda e mito, mais quem nasceu e vive dentro de uma comunidade indígena já vez ouvindo as histórias e sabemos que isto que eles contam foram o que se passou por eles, antigamente eles usava a palavra “causo” é porque eles não sabiam a diferença da palavra causo para a palavra história.

Por que escolhi as pessoas a serem entrevistadas

As pessoas que fazem parte do meu trabalho são pessoas mais velhas da comunidade, elas têm bastante conhecimento sobre a vivência dentro da aldeia, nasceram e sempre viveram dentro da aldeia, conhecem muitas histórias e vivenciaram muitas dessas histórias contadas por eles.

Essas pessoas eu consideram muitos deles como contadores de histórias dentro da minha aldeia pela sua vivência, pelos seus conhecimentos como anciões e também porque eles gostam de contar “causos” como eles dizem eles usavam a palavra causo porque eles não sabiam diferencia a palavra causo de história ou narrativa para eles era uma coisa só. E isto fez com que eu escolhesse eles para esta fazendo parte do meu trabalho, pessoas essas que muitas delas já esta bastante de idade e eu como estudante ao ver a oportunidade de esta escrevendo sobre as narrativas contadas pelos próprios moradores da minha aldeia escolhi eles para esta fazendo parte desse trabalho.

Os contadores de histórias

Romildo Alves Ferreira dos Santos tem 49 anos, tem 11 filhos nasceu e criou aqui em Barra Velha e nem faz questão de sair da aldeia, aprendeu conta histórias meu avô e bisavô

meu pai quando eles sentavam para contar histórias, a gente ficava ouvindo e ia aprendendo e algumas foi da convivência da gente, as vezes senta pra conta história, as histórias que a gente fala nos dias de hoje antigamente eles falam que era causo. As histórias que a gente se trata hoje antigamente eles diziam que era causo.

Ananias Nascimento tem 65 anos foi casado mais agora esta separado, tem 11 filhos aprendeu a conta história com seu avô, nascido e criado na aldeia, sempre gostou e gosta de conta histórias para as criançadas ouvi, as histórias contadas antigamente era como era a de hoje foi os causos que aconteceu com os mais, os dias de hoje senti muita falta dessas histórias, porque antigamente era outra vivencia era outro respeito, e as crianças tinha o prazer de senta com os mais velhos para ouvi os causos e hoje em dia as crianças não querem mais ouvi enquanto muitos ouvi outros fica mangando e é assim que esta hoje em dia, hoje sentir falta porque tudo esta mudado as crianças não que ouvi, quando um ancião chama para contar as crianças não dão importância.

Ildina da Conceição Ferreira tem 48 anos, sempre morou na aldeia Barra Velha é casada tem 11 filhos. Aprendeu a conta história com seu pai e sua mãe e com outros mais velhos da aldeia, antigamente as histórias eram contadas quando um parente ia visitar o outro ir ali se sentavam para contar suas histórias, ou quando faziam o fogo para come peixe assado ai agente se reunia para conta história, e hoje não os parentes não vão mais visitar um ao outro ficam mais em suas casas, mais antes um parente ia mais visita o outro, senti falta dessas histórias, senti falta dos encontros que faziam para contar suas histórias com os mais velhos, sempre gostou de conta e de ouvi histórias, os dias de hoje já não se conta mais essas histórias porque com a chegada da energia elétrica cada um vai assistir sua televisão, e as crianças mesmo que não fazem mais aquele questão de ouvi, antes quando se falava que ia na casa dos mais velhos para eles conta causos as crianças ficavam alegres para ir ouvi e hoje não.

José Matias Ferreira nome indígena Arapati tem 71 anos, é casado tem 8 filhos nasceu na aldeia e se criou na aldeia. Aprendeu a contar histórias com seu avô e seus antepassados, as histórias antigamente eram contadas antigamente a gente contava muita história, sinto falta das histórias pois lembra de seus antepassados que contavam.

Porque dei título às histórias contadas

Ao contar as histórias, as pessoas não deram os títulos as suas histórias, resolvi colocá-los em cada uma delas para que o leitor tenha uma indicação da narrativa que vai ler. E transcrevi as narrativas mantendo a fala do narrador, e depois transcrevendo também cada uma das histórias para o português padrão.

Arural Pataxó



Histórias contadas por Romildo Alves Ferreiras dos Santos, tem 49 anos é casado tem 11 filhos, mora na aldeia Barra velha gosta de contar histórias.

História do Bacurau

A história, também, né?, da que tem a historia ne, que, que o bacurau, ele ser, eu vou conta deu né, que aconteceu comigo, uma época, na época que, que tié mane, mane periquito morava La no Pé do Monte, mais João Branco morava um grupo de índio lá no Pé do Monte, ai eu fui passa uns dia lá, mais tié Mane lá, nessa época eu tinha uns 12 anos de idade, iai uma tarde eu fui remeda o bacurau, tinha uns bacurau avoando assim no meio da pista assim , assim que na frente da casa era piste asauto, ai eles tava voando assim eu fui remeda ai quando eu remedei eles ai pense que não, não podia nem sai fora de casa mais que de tanto bacurau vei tanto bacurau que não sei da onde pareceu tanto esse tanto bacurau que estava entredo dentro de casa, ai eu fiquei com medo daquilo, que entrei pa dentro do quarto fui deita de baixo da cama de, de minha tia Bastiana que era mulher de Manoel piriquito, ai o finado João Branco ele, ele sabia muita reza também era uma pessoa que sabia muita reza, ai ele chegou e desconfiou né, ele falou assim quem foi que remendou esse bacurau que já ta entrado dento de casa, iai chega ta escuro memo dele, iai a gente nem podia nem sai mais de dento de casa ai ele na época ele pegou um tição de fogo começou reza, reza pense que não demorou umas horas ai, sumiu os bacuraus então o bacurau ele, ele tem um problema cum ele se agente for remenda ele, ele vira visagem ne? por do jeito que eu vi lá, eu não quero mais

nem toma conhecimento de remenda bacurau e nem brinca com ele porque o bicho ele meti medo memo a gente, na época que eu remedei ele naquele dia se não fosse o finado João Branco reza eu memo eu nem sabia o que ia faze pa, pa combate eles né?, iai aconteceu isto comigo.

História transcrita para o português padrão

História do pássaro bacurau

Tem a história do bacurau, eu vou conta o que aconteceu comigo, na época em que meu tio Manoel Periquito e João Branco e um grupo de índio moravam na aldeia Pé do Monte. Eu fui passa uns dias lá com ele, essa época eu tinha uns 12 anos de idade, em uma tarde eu fui remeda um bacurau tinha uns bacurau avoados no meio da pista, porque na frente da casa era asfalto, eles estava voando e eu fui remeda eles, quando eu remedei eles, passou um pouco ninguém podia sair para fora de casa de tanto bacurau que tinha do lado de fora, não sei da onde saiu tanto bacurau que já estava entrando dentro de casa. Eu fiquei com medo e entrei para dentro do quarto e fui mim esconde de baixo da cama da minha tia Bastiana que era a mulher de Manoel Periquito.

O finado João Branco ele sabia muita reza quando chegou ele desconfiou, e disse:- quem foi que remendou esses bacurau que já ta entrando dentro de casa?

La fora estava escuro de bacurau, que nós não podia nem sair da casa, ele pegou um tição de fogo começou a reza, demorou uns horas eles começaram a sumir,. Então o bacurau tem algum problema com ele, se agente remeda ele, ele vira visagem porque do jeito que eu vi, eu não quero nem sabe de brinca com ele, porque se não fosse o finado João Branco eu nem sabia o que ia faze para combate eles, isto aconteceu comigo.

História do bicho de pé de garrafa

Lá no Pé do Monte né, antigamente tinha, eu fui mais o pai de João Nezito na época que morava lá também ai eu fui, ele mim chamou pa ir pa mata mais ele, pa espera, ai agente saiu andando na mata, eu mais ele.lá dendo bem longe da mata,dentro da mata ele, tinha uns pés de ibauba quebrada assim, uns pés de bambu quebrado ai eu desconfiei daquilo ai eu falei, o nome du, du homem que eu tava chamava Bindito, Bindito que isso ai rapaz, esse trem tudo quebrado ai, ir um rastro assim, tipo um rastro fundo de garrafa assim, dava uma aparência de um rastro de burro, mais era pé de garrafa, ai eu falando pa ele, não rapaz isso e animal dos fazendeiros que anda por ai, comendo por ai e tal, pra mim não ficar com medo mais eu desconfiei por que rastro de burro era mais diferente, ai eu olhei no chão o rastro era tipo um fundo de garrafa assim,ai depois ele falando que era o rastro do bicho homem que andava por

ali comendo broto de ibauba, broto de Jussara ai saia quebrando assim, o gai do mato né? Ai lá antigamente tinha não sei, se existe hoje esses bichos pra lá ainda mais antigamente tinha isto.

História transcrita para o português padrão

História do bicho pé de garrafa

Antigamente quando o pai de João Nezito morava lá na aldeia Pé do Monte, ele mim chamou para ir com ele na mata caça, nós saímos andado na mata, quando já estávamos bem longe dentro da mata, tinha uns pés se ibauba e bambu quebrados assim, eu desconfiei daquilo e falei:-Benedito que é isto? esta árvores todas quebradas. Havia também uns rastros parecidos a um fundo de garrafa, parecia um rastro de burro mais não era.

Eu falando com ele e ela falou:-isto e animais dos fazendeiros que anda comendo por aqui. Mais ele falou isto só para mim não fica com medo, mas eu desconfiei que rastro de burro era diferente, olhei para o chão e o rastro era tipo em fundo de garrafa.

Quando chegamos em casa,ele falou que era o rastro do bicho homem que andava comendo broto de ibauba, broto de Jussara e quebrava os galhos das árvores assim.

Antigamente lá tinha esse bicho não sei hoje existe mais antes existia.

História do boitatá

Na época em que a gente morava lá no Anjo ali, e outra época que a gente morava lá, pra baixo de Bico lá um lugar que era do vei Izae que a gente comprou na mão de Malaca não foi [...], ai a gente tava lá, sua mãe teve uma criança lá, ai morreu, com oito dia ele morreu não foi?, ai morreu, ai Zé Coruja tava lá, pro Meio da Mata por candor estaca ai ele carregava pelo rio pa bota no Porto do Boi pra lá, ai dona Maria mandou eu ir lá chama, fala com Zé que , que o menino tinha morrido ai tinha ficado lá em casa dona Maria,mamãe,papai o pessoal, ai eu sai de noite peguei a égua e vim ai quando eu cheguei ali na,na onde que a vea nenê,mora hoje, ele tava assim,oh o boitatá tava assim em cima co campí assim, queimado assim, ai eu pensava que era fogo também e não liguei não, fiu embora, ai a égua começou a satá e tal, e depois isso era meia noite em diante por ai, eu sozim e deus, ai entrei fui peguei a estrada ai que tinha pensava que a lagoa tava cheia, fui por fora ai fui por fora cheguei lá era de madrugada na casa da finada Teresa, cheguei lá chamei e perguntei se Zé Curuja tava por lá, ela falou não eles andaram aqui descarregaram a madeira e voltaram de novo,não tem ninguém aqui não, ai eu vim mim embora, ai eu já vim pela lagoa cá de dentro, eu falei vou aqui pela lagoa cá de dentro ta seco vou por cá, ai vim, ai e isso o fogo ainda tava la,ai eu passei na casa de tié Julio e falei com tié Julio já de madrugada o galo começando a cantar,

chamei tié Julio, tia Santa falei com eles ai fui mim embora, ai passou uns dois dias, eu falei vou lá olha aquele trem pra ver se era fogo memo, chegou lá o campi tava dessa altura assim oh no lugar onde o fogo tava, na bera onde a vea nenê mora ali.

História transcrita para o português padrão

História do boitátá

Na época em que agente morava em um lugar chamado Anjo, depois com um tempo mudamos para outro lugar que compramos de homem chamado Malaca. Minha mulher teve uma criança, com oito dias de nascida ela morreu, o pai dela que se chama Zé coruja esta trabalhando em outra aldeia, aldeia Meio da Mata, ele por cava estacas de madeira. E levava as estacas para outro lugar Chamado Porto do Boi que ficar logo próximo da onde agente morava. Dona Maria que é a mãe da minha mulher pediu para que eu fosse ate o Porto do Boi a visa , a Zé Coruja que a criança tinha morrido.

Eu sai de casa já era de noite, peguei a égua e sai. Chegando em um lugar onde a velha Nene mora hoje, tinha um fogo queimando em cima do campi, eu passei e nem liguei mais pensava que era fogo mesmo, fui embora a égua começou a pular, isto já era meia noite e eu sozinho e Deus.

Peguei a estrada de tinha por fora, pois pensava que a outra que passava pela lagoa estava cheia e fui. Chegando lá no Porto do Boi era de madrugada, cheguei na casa da dona Teresa chamei e perguntei se Zé Coruja estava lá, ela disse que não que eles tinham descarregado a madeira e tinham voltado.

Na volta para casa passei pela estrada que passa pela lagoa grande, e o fogo ainda continuava lá no mesmo lugar. Passei na casa de meu tio Julio para fala para ele o que tinha acontecido. Isto já era de madrugada o galo começava a cantar, falei com ele e segui estrada. Passaram uns dois dias resolvi volta lá para ver se era fogo mesmo, quando cheguei lá o campi estava do mesmo jeito, era o boitátá.

Ananias Nascimento

Ananias Nascimento mora na aldeia Barra velha tem 65 anos, mora na aldeia Barra velha sempre gostou e gosta de contar história para crianças ouvi.

História da Janaina e a caipora

-Eis tinha cuntato cum, cum o bicho da água e tinha cuntato cum os bicho da mata, os veios antigos, até hoje cheguei a reconhece um pouco ne, era verdade memo, disse que é mentira mais era verdade memo que, que eu também já tava pergando, já esse contato também né, o os veis daqui, quando eles iam pescar, os veis que eu conheci né, quando eles iam pescar, eles levavam borquete de flor, levava fita que desse tempo, vendia fita pa a mule usa no peçoço, no cabelo, nera Maria, fazia aqueles laços de fita, prendia no leise, aqueles laços de fita bonitos, os vei levava. Que aquelas fitas e chegava lá no mar, quando eles eles fundiava a conoa, eles fundiava a canoa eles falava assim ei Janaina, troxe aqui um presente pra você mim da pexi, ai ele jogava aquela fita dentro dagua ou aquele borqueti de flor i ai, inchia a canoa de pexi, daí eles dizia assim, já chega Janaina, puxava a xaque, xaquiava mais o pano, vinha bate em terra, com a canoa cheia de pexi, eles tinha encontrado cum a sereia, e eu também já tava pegando já jeito, quando eles chegava que falava assim eu também, falava é, tinha vez que eu surava eles no anzol era verdade.

E o da mata é a, e a, a caipora, a caipora já é da mata ai tinha us vei, que botava um pedaço de sabão um pedaço de fumo, no bolso na capanga e levava, disse é minha vó caipora mim da uma esmola aqui, toma aqui uma lavaje de sabão ou se não um pedaço de fumo, pra você coloca no seu cachimbo, bota na cabeça de toco, quando ele andava, que ta li topava uma caça, ele pou matava, jogava nas costas vinha embora, quando ele voltava que ia vê, aquele negocio que ele botava La pra ela, oh desaparecia era, assim que era os vei de primero, hoje em dia não tem mais isso, mais os vei antigo tinha contato com os bichos ne, o da água e o, o do mato.

História transcrita para o português padrão

História da Janaina e a Caipora

Antigamente os mais velhos, eles tinha contato com os bichos da mata e os bichos da água eu ate cheguei a conhece um pouco, era verdade mesmo, falam que é mentira mais era verdade eu também já tava pegado esse contato também.

Quando os mais velhos iam pescar os mais que eu conheci, quando eles iam pescar eles levava buque de flores, fita que daquele tempo vendia fita para as mulheres coloca no

cabelo, eles faziam aqueles laços de fita bonitos prendia no leise do barco e levavam quando chegava lá, eles diziam assim:-ei Janaina trouxe um presente pra você mim da peixe.

Ai eles jogava aquela fita dentro da água ou aquele buquê de flor, ai eles enchiam a canoa de peixe, então falavam assim:- já chega Janaina. Puxavam a xaque xaquava mais o pano, e vinha embora com a canoa cheia de peixe. Eles tinham encontrado com sereia, e eu também já estava pegando esse jeito, quando eles falavam assim, eu também falava e tinha vez que ganha deles na pescaria.

A caipora vive na mata quando um velho ia para mata colocava suas oferendas lá para ela, um pedaço de sabão ou pedaço de fumo do bolso da capanga e levava, quando chegava lá ele dizia:- oh minha vó caipora mim da uma caça, trouxe aqui um pedaço de sabão e um fumo para você coloca em seu cachimbo.

Ele colocava aquela oferenda em um toco de pau, quando ele andava um pouco, avistava uma caça ele atirava matava, jogava nas costas e vinha embora. Quando ele voltava para ver o que ele tinha colocado ali para ela não estava mais, era assim que os velhos antigamente faziam, nos dias de hoje não tem mais isto, antes os mais velhos tinha esse contato com os bichos.

História da caipora

Aqui tinha um homem que gostava de caça, todo dia de domingo ele ia caça, menino deixa de caça dia domingo, dia domingo ficou pa você descansa, a mais ele vai mata uma caça, quando foi um dia de domingo, ele foi, quando chegou La, topou os porcos do mato tudo nu aceiro da roça, ele chegou atirou ni um perdeu o tiro, so fez quebra o quarto, o quarto do, do porco do mato i ele saiu pulado, ele pelejado pega aqui pega acula, e pulava em cima dele eo porco corria, a e o porco entrou nu buraco, no oco ele entrou atrás, eu vou pega ele dentro do oco, quando saiu nu roçadão que não tinha fim, ai quando ele asuntou pero um lado, assim so era caça do mato, foi memo no terreno da caipora que ele saiu, ele disse oxé, tinha um veão trabalhando assim, ele ficou asuntado, ele ficou perdido né, ai o vei asuntou viu ele, ei moço veim cá, bateu a mão ele foi, o que você anda fazendo aqui,há eu atirei un porco do mato quebrei o quarto dele,e eu si batendo pa pega ele não pude ele entrou no oco eu entrei atrás, e sai aqui nesse lugar, oia quando você topa os bichinhos da mata por ai você atira pra mata, não atira pra quebra os braços nem mão não, nem os pés é trabai pra minha mãe, oia ela lá marando mato na, na peninha das criação é dela a criação, era o pai da mata, era fio da veia, você atira pra mata porque da trabaio pra minha mãe, o ela lá, o homem ficou assim pensando disse seus fio ta cum fome, ta mata uma caça daquela ali mais não perca o tiro, se você perde

o tiro, eu mesmo pego você, e dou pra minhas criação come, você vai si ver de isca pra eles, era onça, era anta, era macaco era tudo, era tudo que tinha, ele disse é, escolhe ali o que você pode leva e mata, La vai ele pego coloco o revolve a espigada em cima de um viado a mão dele tremendo e comedo de pede o tiro, ai quando o pau acendeu o viado caiu, assim si, assim si pode pega e leva pra seus filhos, estrada que você veio é essa daqui, marou o viado nas costa, quando ele andou daqui pra li, ele tava bem no acero da roça dele, ele tava pertim ele tava pedido já, foi isso ai aconteceu foi, dos índio vei foi acontecido memo.

Antigamente aqui na aldeia morava um homem, que gostava de caça, todos os dias de domingo a sua mulher dizia:- o homem deixa de caça dia de domingo, o dia domingo é para descansa.

Ele falou:- a mais eu vou la matar uma caça.

Em um dia de domingo ele foi, quando chegou no acero de sua roça tinha muitos porcos do mato, ele atirou em um perdeu o tiro, so fez quebra a perna porco, o porco saiu pulando e ele tentado pegar o porco entrou em um buraco, ele entrou atrás.

Ele falou assim:- eu vou pegar esse porco dentro do buraco.

Ele entrou no buraco atrás do porco quando ele saiu em roça grande que parecia não te fim, ele olhou para o lado viu muitas caças do mato. Ele estava bem no terreno da caipora e ficou assustado, tinha um velho trabalhando, ele ficou observando o velho. O velho viu ele e disse:- o moço venha cá.

O velho deu a mão e ele foi e perguntou:- o que anda fazendo por aqui.

Ele respondeu:- eu atirei no porco do mato quebrei a perna dele, eu tentei pegar ele não consegui ele entrou no buraco eu entrei atrás dele e sai aqui nesse lugar.

O velho falou:- olha quando você ver os bichinhos da mata por ai, você atira para mata, não atira para machucar eles não você da trabalho e para minha mãe olha lá ela cuidado deles é as criação dela.

Era o filho da caipora, o homem ficou pensando.

E o velho disse:- seu filhos estão com fome? Vai e matar uma caça daquelas ali, mais não perca o tiro se você perde o tiro, eu mesmo vou pega você e vou da para minhas criação come, você vai ser comidas para eles.

Tinha bastante animais onça, anta e macaco e outros.

O velho disse:- escolhe o que você pode levar e mata.

Ele pegou a espigada com a mão tremendo e comedo de erra o tiro, quando ele atirou o viado caiu morto no chão.

O velho falou:-assim agora pode leva para seus filhos, esta aqui é a estrada que você veio.

O homem amarou o viado nas costa quando ele andou um pouco ele estava bem no aceiro de sua roça, ele estava perdido. Esta história foi acontecida com um índio mais velho.

História transcrita para o português padrão

História da caipora

Na aldeia morava um homem, que gostava de caça todos os dias de domingo ele saia para caça. A sua mulher dizia:- o homem deixa de caça dia de domingo, o dia de domingo é para descansa.

Ele falou:- há mais eu vou lá mata uma caça.

Em um dia de domingo ele foi, quando chegou no acero de sua roça, tinha muitos porcos do mato, ele atirou em um perdeu o tiro, só fez quebra a pena do porco, e o porco saiu pulando e ele tentando pegar, o porco entrou em um buraco , e ele entrou atrás. Ele falou assim;-eu vou pegar esse porco ai dentro do buraco.

Ele entrou no buraco atrás do porco quando ele saiu em uma roça grande que parecia não te final, ele olhou para o lado, e viu muitas caças do mato. Ele estava dentro do terreno da caipora e então ele ficou assustado, tinha um velho trabalhando ele ficou observando e percebeu que estava perdido. O velho disse; - o moço venha cá.

O velho deu a mão, e ele foi o velho disse:- o que anda fazendo aqui.

Ele respondeu:- eu atirei em porco do mato quebrei a perna dele eu tentei pegar ele não consegui ele entrou no buraco eu entrei atrás e sai aqui nesse lugar.

O velho falou:- olha quando você ver os bichos da mata por ai, você atira para mata, não atira para machucar eles não, você da trabalho e para minha mãe, olha lá ela cuidado deles, é as criação dela. Era o filho da caipora.

O homem ficou pensando, o velho perguntou:- seus filhos estão com fome? Vai e mata uma caça daquelas ali, mais não perca o tiro se você perde o tiro eu mesmo vou pega você e vou da para minha criação come, você vai ser comida para eles.

Tinha bastantes animais onça, anta, macaco e etc.

O velho disse:- escolhe o que você pode leva e mata.

Ele pegou a espigada com a mão tremendo e comedo de perde o tiro quando ele atirou o veado caiu.

O velho falou:- assim agora pode leva para seus filhos, esta daqui é a estrada que você veio.

Ele amarou o veado nas costas, quando ele andou um pouco ele estava bem no aceiro de sua roça ele estava perdido esta história foi acontecida com os índios velhos.

ARAPATI



José Matias Ferreira nome indígena Arapati mora na aldeia Barra velha na extensão Pará, tem 71 anos é casado,tem 8 filhos.

História do boitata

Nós ia pa festa em Campo do boi, quando era menino rapazim, foi eu mamãe e meu padrim Bernardo nos morava no Campo São João de Minas, ai nos fomos, ela muntada no jegue eu montado no outro e meu padrim Bernardo no Oto,ai fomo pa lá, levamos mais de meia noite a festa acabo nos volto viemos embora, ai no Campo São João de Minas tem aquela, aquela baixa ali no meio assim tem, aquela ela morava no lado de lá, ele morava no lado de cá.no pé de coco você alcançou não alcançou aquele pé de coco que tinha, um pé de coco ali ainda você alembra de um pé de coco do lado de cá, ele morava cá meu padrim Bernardo, quando chego do outro lado meu padrim Bernardo deu pra casa dele,nos fumos mais mamãe lá pra casa, elevado um fogo assim ,balando um tisão assim, aquele fogim miudim, um fogo, fogo pequeno, balançado assim oh, lado de lá morava Cassiano, vovó Maria ir, e João Branco finado João Branco, morava mais assim, meu padrim Bernado morava lado de cá, ai eu, eu falei assim, chegou na porta de João Branco agente passou por fora no

meio do campo assim, ai eu falei, oh mamãe vai um fogo ali oh, ai eu gritei oh meu padrim Bernerdo vai um fogo, ai por seu lado rapaz na hora que eu gritei assim aquele fogim miudim direpente ele ficou destamanho assim oh, aquele fogão danado lavareda já, lavareda que já ia levantado assim oh, aquele de ir pra lá pra onde ele ia, volto pra nosso lado rapaz, eu disse ir mamãe venha pra cá rapaz, ai nos metimos a taca na jega chegamos em casa fechamos a porta, ai não sabemos mais o que aconteceu com ele, ai ele sumiu pra lá ficou pra lá fogo rapaz, era um boitatá, so podia ser um boitatá, ali né? São João de Minas.

História transcrita para o português padrão

História do Boitatá

Um dia ia acontece uma festa em lugar chamado Campo do Boi, eu era menino rapazinho foi eu minha mãe e meu padrinho Bernardo, nos morávamos em um lugar chamado São João de Minas. Ai fomos cada um montados em um jegue, quando era mais de meia noite a festa acabou viemos de volta para casa.

No Campo São João de Minas tem uma baixada, minha mãe morava do lado de lá da baixada e o meu padrinho morava do lado de cá, perto de um pé de coco que tinha. Quando atravessamos o córrego meu padrinho foi para casa dele e eu mais mamãe continuamos para chega em casa, avistamos um fogo pequeno que parecia um tição balançado.

Ao lado da estrada morava Cassiano, vovó Maria e João Branco. Chegou na porta de João Branco passamos pelo meio do campo, ai eu falei:-oh mamãe vai um fogo ali, ai eu gritei meu padrinho Bernardo vai um fogo para seu lado.

Na mesma hora aquele fogo, cresceu rapidamente virou lavareda que ia levantado, ele de ir para onde estava indo voltou para nosso lado. Eu gritei:- mamãe venha para cá. Nós colocamos os animais para correrem, chegamos em casa fechamos a porta, e não sabemos o que aconteceu com ele, era o boitatá ali em São João de Minas.

História da Caipora

Eu morava no anjo ali, ai, ai nesse brejo tinha muito pau pombo, mucado daquelas frutinha e os pombos comia pra merda, chegava nos pés do pau pombo assim,pesava no gai chegava ária no gai do pau assim, da madeira pombo pra merda, ai falei oh Maria você ficai, tava de resguardo de Iruana , você fica ai que eu vou lá no brejo mata nus pombos pra gente cume, os meninos cume assado ai eu peguei a espingarda e vim nesse brejo ai, ai entrei por destrai do pau pombo lá, tava assim de baixo do pé de mato depois encontrei um cadumi de pombo, sentou no pé de pau pombo assim, cumedo ,o gai chegou ária os gai ai, falei e merda ai tem pombo pra merda ai, ai eu tirei a sandália, a sandália igual essa assim memo assim,

botei em cima de seno de mangue assim rapaz oh, e entrei por mato pra tira nos pombos e deixei a sandália Ca, cheguei la meti a espingarda tá, que pombo nem nada, que pombo rapaz, cheguei cá que casei a sandália, que sandália rapaz fui na estrada voltei cá dentro do mato procurando essa sandália, essa sandália que tava aqui não to achando essa sandália, foi uma duas viagens nas três eu digo lá, desconfie tem uma coisa errada ai, vou cuida e de ir mim embora passou um negocio aqui nesse braço meu aqui, assim oh, parece que foi uma pessoa que passou assim, meu braço ia ingringriando o coro assim oh, e aquele frio eu disse oh, peguei a estrada e fui bate em casa, não sei o que foi que aconteceu, ate hoje nunca mais encontrei a sandália rapaz foi comigo aconteceu isso.

História transcrita para o português padrão

História da Caipora

Quando eu morava em um lugar chamado Anjo, perto desse lugar tinha um brejo que tinha muitas arvores chamado pau pombo, essa árvore tinha muitas frutinhas que os pombos gostavam de come, quando os pombos pousavam nos galhos, os galhos chegavam abaixo de tanto pesados que ficavam. Um dia eu disse assim:- oh Maria você fica ai, que eu vou lá ao brejo ver se mato uns pombos para nos meninos comerem assados. Peguei a espigada e vim, entrei por distrais das árvores, encontrei muitos pombos que pousaram nos galhos das árvores, que os galhos chegaram abaixo de tanto pesados que ficaram. Eu tirei as sandálias dos pés, as sandálias eram iguais a essas que estou usado, coloquei as sandálias em cima de seno de mangue, e entrei no mato para ver se matava algum pombo, quando atirei não havia mais nem um pombo ali, tinham sumido. Cheguei cá que procurei as sandálias, a sandália não estava mais no lugar que tinha deixado, entrei de novo dentro do mato para procura e não achava as sandálias, ai então eu desconfie que estava acontecendo alguma coisa errada ali. Eu falei:- vou cuida e de ir embora.

Quando eu peguei a estrada para eu ir embora passou um negocio, aqui no meu braço, parece que foi uma pessoa que passou assim junto de mim, meu braço ia encolhendo o couro assim e aquele frio. Peguei a estrada e fui embora para casa, não sei o que foi que aconteceu, e ate hoje não encontrei as sandálias, não sei se foi a caipora ou se foi outro bicho que pegou minhas sandálias, isto aconteceu comigo.

História da caipora

Agora nessa mata tem caipora ai, Fermal também um dia matou um Passarim ai, o cara tirou de dentro da capanga dele rapaz, e que ele não viu, o Passarim na capanga assim. Ele atirou no Passarim o Passarim caiu ele pegou botou na capanga e boto a munição por riba

do Passarim chegou em casa que foi caça o Passarim na capanga dele, que Passarim? So tava o sangue do Passarim na capanga dele, o Passarim já era pegarão que ele nem viu quando pegarão o Passarim da capanga dele. Nessa mata tem uma ali oh.

História transcrita para o português padrão

A história da caipora

Agora nessa mata tem uma caipora, Fermal um dia ele saiu para mata passarinho, quando chegou lá ele atirou em um passarinho, ele caiu no chão, ele pegou e colocou o passarinho dentro da capanga, e colocou a munição por cima do passarinho. E veio para casa quando chegou em casa que foi procura no pássaro dentro da capanga só tinha o sangue dele lá, o passarinho tinha sumido, a caipora tinha pegado de dentro da bolsa dele e ele não viu.

Cuiuba



Ildina da Conceição ferreira, (Cuiuba) mora na aldeia Barra velha tem 48 anos casada tem 11 filhos gosta de ouvi e contar histórias dos mais velhos, aprendeu a contar histórias com seus pais e quando ouvia os outros mais velhos da aldeia contar.

História do pássaro peixe frito

Eu era pequena, eu era pequena mais eu lembro uma vez ali, ali no quintal de Rita ali oh, tinha uma cacimba, uma cacimba minha fia, ir, ir e os meninos danaram subia, ele o Passarim cantado, eles remendando e esse bicho cravo lá nessa cacimba, e cantava e cantava ai não sei quem foi, que foi tia Juca que mora morava bem ali, onde e agora a casa de menina ali, naquele meio da casa de Bio ali, que e primeiro a casa de tia Juca, que ela veio diz ela que subiando, subiando ai ela desceu veio pa cacimba, que ali so era jasmim subiando, peixe frito, peixe frito, ai ela que diacho desse treim que fica so subiando ai, mais era os meninos que ela disse, que quando ela olho minha fia, diz ela que um negocio so da perna so asubiando, foi subiando, ai ela esse bicho, ele tava remendando o pexi frito, de primeiro ele era asombrado ai Barra Velha, peixe frito a cavala o bacurau, quando tinha vez tinha vez que agente vinha de tardzinha de lá do Anjo pa Barra Velha aqui, ela passava cavala, cavala. Agora que a gente não ver ela aqui, aqui tinha elas sumiu, sumiu por isso que eu não gosto esse trem da os meninos remenda.

História transcrita para o português padrão

História do pássaro peixe frito

Eu era pequena mais ainda me lembro, ali no quintal de Rita tinha uma cacimba e tinha um passarinho cantado, e tinha uns meninos que começaram assobia remendando o bicho, quanto mais eles assobia mais o bicho não saia dali. Minha tia que se chama Juca morava ali perto onde hoje é a casa de Bio, ela vinha para a cacimba quando ela escuto uns assobio, era os meninos que estavam assobiando remendando o passarinho, quando ela olhou para o lado ela avistou um bicho com uma perna só, assobiando ele estava remendando o pássaro, antigamente esse pássaro era assobrado aqui em Barra Velha, tinha outros também o bacurau e a cavala que são pássaros assobrados e que não devemos brincar com eles.

História da caipora

Uma vez nos foi daqui de Barra velha, com uma menina pequena por ali por do Roxa ali o, a estrada era cá por dentro de uma matinha que saia lá ni cumade, a estrada saia lá ni cumade Josa aqui por dentro oh minha fia pois na hora qui, e passava uma aguinha era uma matinha, não tem aquela manga que é de aquele Oto de seu João, João Domingo ali é uma mata, pois sarou tudo pa nós avalença foi um menino, nem sei que menino foi que tava com uma bolsinha de alho no pescoço, morde essa bolsa de alho menino que mordeu pois no meio da estrada e nós não tava enxergando nada, foi a caipora.

História transcrita para o português padrão

História da caipora

Uma vez quando eu e mais um pessoal ia daqui de Barra velha para o Pará onde a gente morava antes, nos íamos com uma criança pequena e passamos pela a estrada da casa de dona Roxa essa estrada saia lá na casa de minha comadre Josa, passava pelo uma mata e um córrego quando nós estava passado na manga de seu João Domingo a estrada sarou para nós, que não sabia mais aonde estávamos ficou tudo fechado de matos, foi ai que lembramos que um menino que ia mais nos tinha uma bolsinha de alho amarado no pescoço, mandamos ele morde o alho, quando ele mordeu o alho nós estava na estrada bem na estrada, foi a caipora que fez isto com nós.

História da Janaina

Quando os mais vei ia pa, assim que eles iam pescar ai iam na cidade comprava, comprava olho que de primero eles chamava perfume ele chamava, água de cheiro e, e leva, leva lá pa Janaina quando chegava lá, eles fazia pai dize que eles fazia aqueles barqui assim, aqueles barquim de madeira ai lá, na na peda onde eles viam onde ela sambava pa eles, ai eles

colocava lá, colocava lá pra ela, colocava e falava que era pra ela, quando não era assim ai, ai eles tinha aquela, aquele cume que fala, aquele é de leva pra ela assim, tinha aquele dia dê leva, lá eles botava lá pra ela, flor, fita e perfume, olho levava pra mãe d`água.

História transcrita para o português padrão

História da Janaina

Antigamente quando os mais velhos da aldeia eles iam para o mar pescar, antes eles iam na cidade para compra olho, perfume porque antigamente eles chamavam o perfume de água de cheiro, eles compravam para levar para Janaina. Eles faziam uns barquinhos de madeira e colocava os presentes dentro e quando chegava perto da pedra onde eles sabiam que ela sambava para eles, eles deixavam o presente lá para ela deixa e falava que era pra ela.as vezes eles marcavam um dia só para levar os presentes para ela levava perfume, fita, olho, flor e deixava lá para ela. Para quando eles irem pescar eles pegar bastante peixe.

Considerações finais

No meu trabalho mostro a importância que as narrativas têm para minha aldeia, as histórias acontecidas na aldeia antigamente, histórias estas contadas pelas próprias pessoas que puderam vivenciá-las. Mostrando também o respeito que eles tinham com o meio em que eles viviam.

Com esta pesquisa, pude observar que, com o crescimento da aldeia e com a chegada das novas tecnologias, muitas coisas mudaram dentro da comunidade de várias formas. Nos dias de hoje, as crianças já crescem vendo as coisas de outra forma, que, ao invés de parar para ouvir os mais velhos, elas já vão assistir televisão e ter contato com a internet. E já vão crescendo com outra educação da que se tinha antigamente. Entendo também que com o passar dos anos e as modificações trazidas pelas tecnologias, a cultura era passada oralmente através dos conhecimentos dos mais velhos para os mais novos, e nos dias de hoje isso não acontece da mesma maneira. Antes, a aldeia era pequena e não tinha energia elétrica nem tecnologias, hoje, com o crescimento da população e o uso cada vez mais frequente dessas tecnologias, é difícil manter muitos dos nossos costumes.

Assim, este trabalho visou compreender o modo como as histórias eram contadas antigamente, em que momentos essas narrativas são contadas hoje, para poder perceber, além da importância que elas têm para a aldeia, para nossa cultura Pataxó, poder entender e, de alguma maneira, interferir no processo de guarda dessas histórias, deixando estas histórias escritas para todas as pessoas que poderão ler e conhecer essas narrativas.

Este trabalho foi muito enriquecedor, pois, de certa forma, ele traz e guarda as memórias das pessoas entrevistadas, os conhecimentos de suas vivências. Para mim, foi de bastante importância fazer esse trabalho sobre as narrativas da minha aldeia, conhecendo cada história e a riqueza do conhecimento que elas trazem para mim como estudante, quando os mais velhos contam, por exemplo, que quando saíam para o mar ou para a mata, levavam suas oferendas para que sua pesca ou sua caçada fosse boa; ou quando disseram que não se deve brincar com os seres que existem na natureza, conhecimentos importantes também para as crianças e adultos de hoje.

Espero também que este trabalho venha a mostrar para as novas gerações a importância que tem os conhecimentos tradicionais Pataxó que ensinam os mais velhos.

Referências

- BEDRAN, Beatriz Martini. *Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas orais: a arte de cantar e contar histórias*. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Cléo. *Memória e sociedade – lembrança de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BUSSATO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciderspaço*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CARDOSO, Thiago Mota; PINHEIRO, Maíra Bueno (Org.). *Aragwaksã: plano de gestão territorial do povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas*. Brasília: FUNAI; CGMT; CGETNO; CGGAM, 2012. (Série Experiências Indígenas).
- FERREIRA, Ildina Conceição, em que nossos eram contadas as histórias. [28 fev. 2016]. Porto Seguro: Aldeia Barra Velha. Entrevista concedida a Itanajé Ferreira dos Santos.
- LIMA, Pablo Luiz de Oliveira e CARIE, Nayara Silva de. Narrativas Maxakali possibilidades para o ensino de cultura e história indígena. *Educação em revista*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2013 (V.29, N.03, P.41-62).
- NASCIMENTO, Akerlan Santos. A musicalidade Pataxó a música e os cânticos sagrados na Aldeia Barra Velha, monografia, (Licenciatura em Matemática)- Formação Intercultural de Educadores Indígena, Faculdade de educação, Universidade Federal Minas Gerais Belo Horizonte. 2014.
- NASCIMENTO, Ananias. Como eram contadas as histórias antigamente na aldeia. [15 jul. 2015]. Porto Seguro: Aldeia Barra Velha. Entrevista concedida a Itanajé Ferreira dos Santos.
- PEREIRA, Vera Lúcia. *O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Editora PUC-Minas, 1996.
- PROFESSORES INDIGENAS – POVO PATAXÓ. *Leituras Pataxó: raízes e vivências do povo Pataxó nas escolas*. Salvador: MEC; FNDE; SEC; SUDEB, 2005.